



## “Só os africanos é que comprehende”<sup>1</sup>: a intelectualidade afro-nagô-sergipana de Umbelina Araujo

Maria da Conceição Bezerra dos Santos Sobrinha<sup>2</sup>

SOBRINHA, M. da C. B. dos S. “Só os africanos é que comprehende”:  
a intelectualidade afro-nagô-sergipana de Umbelina Araujo  
*História Social*, vol. 20, p. 01-33, e025010, 2025

*“...o que me mantém é a vida espiritual, minha crença nos espíritos divinos, naquilo que outras pessoas chamam de ‘poderes superiores’.”*  
bell hooks<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo tece discussões acerca de Umbelina Araujo, mais conhecida como “Mãe Bilina de Laranjeiras”, antiga mestra das taieiras de Laranjeiras e lôxa da Irmandade de Santa Bárbara Virgem, uma das comunidades nagô no território sergipano. Ao longo das páginas que se sucedem, podemos acompanhar como, por meio da sua oralidade, “Mãe Bilina” transmitiu sua intelectualidade, e a de sua comunidade, à academia e à sociedade sergipana, figurando como uma das principais fontes sobre a história e a cultura afro-diaspóricas em Sergipe, especialmente no que tange às identidades nagô.

**Palavras-chave:** Umbelina Araujo. Intelectualidade afro-nagô-sergipana. Laranjeiras (Sergipe).

<sup>1</sup> Frase proferida por Umbelina Araujo em entrevista concedida a Beatriz Góis Dantas na década de 1970 e reproduzida no documentário: UMA LUFADA de ar fresco: a antropologia de Beatriz Góis Dantas. Direção: Maria Laura Cavalcanti. Rio de Janeiro: UFRJ, 2021. Documentário (27 min).

<sup>2</sup> Doutorado em andamento no PPGHIS/UnB. Professora substituta de História no CODAP/UFS. E-mail: profa.mariadaconceicao@uol.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0139-9124>

<sup>3</sup> hooks, bell. **Irmãs do inhame**: mulheres negras e autorrecuperação. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2023, p. 243.



## “Only Africans understand”: The Afro-Nagô-Sergipe intellectualism of Umbelina Araujo

Maria da Conceição Bezerra dos Santos Sobrinha

**Abstract:** This article discusses Umbelina Araujo, better known as “Mãe Bilina de Laranjeiras”, a former master of the Laranjeiras’ taieiras and leader of the Brotherhood of Santa Bárbara Virgem, one of the Nagô communities in the state of Sergipe. Throughout the following pages, we can follow how, through her oral tradition, “Mãe Bilina” transmitted her intellect, and that of her community, to academia and Sergipe’s society, becoming one of the main sources on Afro-diasporic history and culture in Sergipe, especially regarding Nagô identities.

**Keywords:** Umbelina Araujo. Afro-Nagô-Sergipe intellectuality. Laranjeiras (Sergipe).

### 1. Introdução<sup>4</sup>

Início este texto pedindo licença a Mãe Bilina e toda a sua ancestralidade, a todas as divindades nagôs de Laranjeiras, de modo especial ao Pai da Costa, orixá maior da Irmandade de Santa Bárbara Virgem.

Umbelina Araujo, mais conhecida como Mãe Bilina, é uma das sacerdotisas, de culto afro-brasileiro, mais importantes da história de Sergipe. Nascida na cidade de Laranjeiras em 21 de agosto de 1879<sup>5</sup>, liderou a Irmandade de Santa Bárbara Virgem por pelo menos 63 anos<sup>6</sup>, sendo a

<sup>4</sup> Este artigo deriva da minha dissertação de mestrado denominada “A trajetória de Umbelina Araujo, ‘Mãe Bilina’ de Laranjeiras (1879-1974): ‘nasci pra ser a dona das colônias de Santa Bárbara’”, realizada no PROHIS/UFS por meio de bolsa da CAPES.

<sup>5</sup> Registro de Batismo de Umbelina Araujo. Brasil, Sergipe, Registros da Igreja Católica, 1785-1994, índice e imagens: Family Search. Batistério da Freguesia do Sagrado Coração (1877-1882).

<sup>6</sup> De meados de 1811 a 1974.

responsável por realizar algumas modificações, dentro desta comunidade, que foram cruciais para a continuidade dos legados dos africanos nagô em Laranjeiras.

Umbelina e seus irmãos, Maria, Glicéria e Manoel, nasceram livres por ocasião da “Lei do Ventre Livre”<sup>7</sup>. Sua mãe Carolina, assim como seus avós, Birunqué e Avertani (ambos africanos), foram cativos na Fazenda Tanque do Moura, à época pertencente ao Capitão Felipe de Faro Mota, integrante de uma família poderosa, influente e violenta na Vila de Laranjeiras.

Birunqué, segundo os relatos orais de Mãe Bilina, foi malunga<sup>8</sup> de Tí Henrique<sup>9</sup>, o primeiro beg<sup>10</sup> da comunidade nagô em Laranjeiras, morando em sua casa por cerca de 35 anos, provavelmente por causa da importante função de Tí Henrique na comunidade, sendo necessário morar junto com os seus santos<sup>11</sup>.

Birunqué, portanto, foi uma das fundadoras do nagô e a principal responsável por transmitir os conhecimentos, a identidade e a cultura nagô para Mãe Bilina. Ela foi contemporânea de Tí Herculano<sup>12</sup>, outro africano que tinha uma casa, um terreiro nagô concomitantemente a Tí Henrique. Ele assumiu o seu legado após a morte deste, unificando o que Mãe Bilina denominava de colônias<sup>13</sup> de Santa Bárbara Virgem.

<sup>7</sup> Lei de 28 de setembro de 1871, que estabeleceu, entre outros aspectos, que os nascidos dos ventres de mulheres escravizadas deveriam se tornar livres.

<sup>8</sup> Companheira da travessia no Atlântico ou de cativeiro.

<sup>9</sup> “Tí” e “Ta” são prefixos utilizados para se referir com deferência a africanos que fundaram a Irmandade de Santa Bárbara Virgem.

<sup>10</sup> O termo “beg”, ou “obeg”, é utilizado para se referir ao líder da comunidade quando este é homem, é o equivalente a Pai de Santo ou babalorixá.

<sup>11</sup> Alguns integrantes do nagô, que são descendentes dos africanos que fundaram a comunidade de Santa Bárbara Virgem, são escolhidos por esses orixás para serem seus zeladores, que também são chamados de orixás da costa ou santos da costa. Esses escolhidos têm por função serem os principais cuidadores dos orixás de suas famílias, que residem em pedras e moram em casas que são dedicadas a eles pelas famílias nagôs.

<sup>12</sup> Também conhecido como Herculano Barbosa Madureira, Herculano da Costa (como é identificado por sua esposa em seu inventário) e por Herculano da Comendaroba.

<sup>13</sup> Forma com a qual Umbelina Araujo se refere às casas-terreiros das famílias que integram a Irmandade de Santa Bárbara Virgem, cf. DANTAS, Beatriz Góis. **Vovô Nagô e Papai Branco:**

Tí Herculano incorporou ao nagô a tradição de reunir os vários terreiros de culto doméstico em uma só comunidade, fazendo com que esta se expandisse; várias famílias festejassem as festas dos orixás umas das outras e tivessem algumas festas em comum: a festa do Corte do Inhame, a festa de Ogodô e a festa da Iansã<sup>14</sup>.

Tí Herculano faleceu em 1907, fazendo com que Mãe Bilina assumisse a liderança do nagô por volta do ano de 1911. A Irmandade de Santa Bárbara Virgem passava por um momento de readaptação, de reorganização, após o advento da epidemia da varíola, que dizimou a população de Laranjeiras no início do século XX e a perseguição aos cultos de matriz africana no pós-abolição. Muitos descendentes de africanos abandonaram os santos de suas famílias, entregando-os à lôxa<sup>15</sup> ou devolvendo-os às águas<sup>16</sup>.

Nos últimos anos de sua vida, Mãe Bilina concedeu entrevistas à professora Beatriz Góis Dantas. Primeiro sobre as taieiras<sup>17</sup>, depois sobre o nagô em Laranjeiras. Ao longo dessas entrevistas, falou sobre a história da comunidade nagô; sobre as experiências africanas e sobre muitos ensinamentos que recebeu dos africanos com os quais conviveu.

---

usos e abusos da África no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

<sup>14</sup> DANTAS, Beatriz Góis, Op. cit.

<sup>15</sup> Forma com a qual os nagô na Irmandade de Santa Bárbara Virgem chamam a sua liderança quando esta é mulher. Ou seja, é a forma com a qual estes nagô chamam a sua mãe de santo.

<sup>16</sup> Ritual que concerne em devolver os santos da Costa, que residem em pedras, denominadas otás, em Laranjeiras. Na década de 1970, a professora Beatriz Góis Dantas presenciou uma dessas “devoluções”, que em geral ocorriam quando o zelador do santo morria e não deixava herdeiros que pudessem assumir as divindades da família, ou esses não demonstravam interesse em assumi-las. DANTAS, Beatriz Góis, Op. cit.

<sup>17</sup> A “Taieira” de Sergipe é uma expressão cultural originada em meados do século XIX. Concerne em um grupo de cortejo, anteriormente denominado de “Cordão do Rosaro”, pois cortejavam os antigos reis do Rosário - isto em Laranjeiras, o que não se referem a outras cidades que também possuíam taieiras, como Lagarto e São Cristóvão. A partir do momento em que o grupo passou para liderança de mulheres nagô da Irmandade de Santa Bárbara Virgem – respectivamente Carolina e Umbelina – a expressão passou por um processo de “nagotização” e foi transformada em uma espécie de “obrigação-ritual” para algumas divindades cultuadas pela Irmandade de Santa Bárbara Virgem. DANTAS, Beatriz Góis. **A Taieira de Sergipe:** uma dança folclórica. Petrópolis: Editora Vozes, 1972. 153 p. (Coleção Vozes do Mundo Moderno).

## 2. A influência de Umbelina Araujo em produções acadêmicas

Umbelina Araujo viveu cerca de 95 anos de idade. Ao longo de sua vida, ela residiu nas cidades de Laranjeiras, Aracaju e Rio de Janeiro. De cultura oral, não sabia ler ou escrever. Entretanto, assinava o próprio nome. Mãe Bilina possuía outras formas de transmitir conhecimentos, entre os quais se destacam a fala e a gestualidade.

Reconhecer outras formas de conhecimento para além da escrita implica adotar uma postura contracolonial<sup>18</sup>, que visa contemplar outras formas de perceber, de vivenciar o mundo, que não o modo Ocidental. Oyérónké Oyéwùmí ressalta a importância de visibilizar outros sentidos do corpo humano, como transmissores e receptores do conhecimento e propõe que ao invés do termo “cosmovisão”, se utilize o termo “cosmopercepção”. Defendendo a perspectiva que, para os povos africanos, os outros sentidos do corpo são tão ou mais importantes no aprender/ensinar, do que a visão, que é superestimada pelo conhecimento Ocidental<sup>19</sup>.

Deste modo, por meio da sua oralidade/gestualidade, presentes no exercício das funções de lôxa e de mestra das taieiras, Mãe Bilina transmitiu o seu saber, a sua intelectualidade, para a Academia, influenciando diversos trabalhos acadêmicos dentro e fora da Universidade Federal de Sergipe. Para compreendermos melhor a dimensão do alcance da intelectualidade de Mãe Bilina, e por consequência da intelectualidade nagô, elaborei uma tabela por meio da qual podemos acompanhar em números

<sup>18</sup> Utilizo o conceito seguindo os ensinamentos de Antônio Nêgo Bispo. EU não sou decolonial, eu sou contracolonial - Nêgo Bispo no Instituto Elos. Publicado pelo Canal do Instituto Elos, 24 out. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2pzGaNTT5wU>. Acesso em: 18 nov. 2025. Nêgo Bispo defende que as concepções, saberes e intelectualidade de povos tradicionais — especialmente dos quilombolas — são contracoloniais, pois não se submeteram ao colonialismo, que permanece nos dias atuais sob novas roupagens. Ao utilizar este conceito, defendo, portanto, que a intelectualidade de Mãe Bilina produz epistemologias que não se submeteram às violências senhoriais e a outros elementos coloniais que atravessaram ela e sua comunidade nagô.

<sup>19</sup> OYÉWÙMÍ, Oyérónké. **A invenção das mulheres:** construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Tradução: Wanderson Flor do Nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

as produções que de alguma forma utilizaram informações socializadas por Umbelina Araujo.

**Tabela 1:** *Produções Intelectuais Influenciadas por Umbelina Araujo no Repositório da UFS.*

Título	Autor	Área	Tipo do Trabalho Acadêmico	Ano
Mulher Nagô: liderança feminina e as relações de gênero e parentesco no terreiro Santa Bárbara Virgem, em Laranjeiras	Díjna Andrade Torres	Sociologia	Dissertação	2012
Sacerdotisa em Laranjeiras/ SE : trajetória e recursos na ocupação de um espaço de poder e dominação	Eval Cruz	Antropologia	Dissertação	2012
Conexão africana : fragmentos da vida do africano Cae-tano Ponciano dos Santos no pós-abolição em Sergipe	Flávio Santos Vasconcelos	História	Artigo (para conclusão do curso)	2016
Anais do Simpósio do Encontro Cultural de Laranjeiras: 2017-2018	Maria Augusta Mundim Vargas (Org); Jorgenaldo Calazans dos Santos (Org); Vanessa Santos Costa (Org.)	-	Anais completos de Eventos	2017
Análise historiográfica da obra “Vovó Nagô e Papai Branco” da autora Beatriz Góis Dantas	Matheus Tavares Souza	História	Monografia	2019
O engenho criativo da Mus-suca: desenvolvimento e cultura no campo negro de Laranjeiras, Sergipe	Marcelo Rangel Lima	Comunicação	Dissertação	2019

Ponteiros da memória: educação patrimonial no ensino de história em Sergipe	Eliana Dias Ferreira Oliveira	História	Dissertação	2020
Romanização, desagregação e eficiência: os estatutos da Irmandade de São Benedito em Aracaju (1954-2018)	Maria da Conceição Bezerra dos Santos Sobrinha	História	Monografia	2021
Museu Afro Brasileiro de Sergipe e a Lei 10.639/2003: ensino de história e cidadania	Carlos Augusto Braz de Jesus	História	Monografia	2021
Religião e poesia oral como linguagem: modo de vida e realização de sentido nos processos rituais de culto aos santos da Taieira de Laranjeiras em Sergipe.	Daniela Senger	Sociologia	Tese	2022
“Isso tudo é louvor, isso tudo é louvar”: a construção dialógica entre dois mundos culturais, o entrelugar e as fronteiras na Irmandade Santa Bárbara Virgem Nagô e nas Taieiras de Laranjeiras/SE	Mirtes de Menezes Almeida	Culturas Populares	Dissertação	2022
Recortes biográficos das taieiras de Lagarto-SE	André Barbosa de Santana	Culturas Populares	Dissertação	2023
O Encontro Cultural de Laranjeiras e o protagonismo intelectual de Beatriz Góis Dantas (1972-2023)	Ingrid Batista Santos	História	Dissertação	2023
A trajetória “Mãe Bilina” de Laranjeiras (1879-1974): “nasci pra ser a dona das colônias de Santa Bárbara”	Maria da Conceição Bezerra dos Santos Sobrinha	História	Dissertação	2023

**Tabela 2:** *Produções Intelectuais Influenciadas por Umbelina Araujo fora do Repertório da UFS*

Título	Autor	Tipo do Trabalho Acadêmico	Área	Filiação Institucional	Ano
A Taieira de Sergipe: uma dança folclórica.	Beatriz Góis Dantas	Livro	História/ Antropologia	UFBA	1972
A Taieira (1973)	Beatriz Góis Dantas	Filme	Antropologia	UFS	1973
Terreiro de Bili-na (1973)	Beatriz Góis Dantas	Filme	Antropologia	UFS	1973
Pureza e Poder no mundo dos candomblés.	Beatriz Góis Dantas	Capítulo de Livro	Antropologia	UFS	1987
Vovô Nagô e Papai Branco: usos e abusos da África no Brasil.	Beatriz Góis Dantas	Livro	Antropologia	UFS	1988
Contribuições Culturais do Negro em Sergipe.	Beatriz Góis Dantas	Capítulo de Livro	Antropologia	UFS	1994
Brasil Legal – Laranjeiras	Globo	Programa de Televisão	-	Tv Globo	1997
Em tempo de Solidão Forçada": Epidemia de Varíola, Revolta Popular e Fé em Sergipe Novecentista	José Fernando Ferreira Aguiar	Dissertação	História	UFBA	2002
“Nanã de Aracaju: trajetória de uma mãe plural”	Beatriz Góis Dantas	Artigo	História	UFS	2002

Lambe Sujo, uma ópera dos quilombos	Gabriela Greeb, Marianna Monteiro, Paulo Dias.	Documen- tário	Cinema	Home- made Filmes e Associação Cultural Cachuéra!	2004
Laranjeiras, entre o passado e o presente.	Beatriz Góis Dantas	Capítulo de Livro	História	UFS	2007
Things of Afri- ca: Rethinking Candomblé in Brazil	Max Bondi	Artigo	Antropologia	UCL	2009
Religiosidades africanas e co- munidades ne- gras em Laran- jeiras (Sergipe, 1860-1910)	Sharyse Piroupo do Amaral	Artigo	História	UFBA	2011
Casa de Ti Her- culano	Terezinha Alves de Oliva	Livro	Culturas Po- pulares	-	2011
Zizinha Gui- marães: entre a história e a me- mória,	Petronio José Domingues	Capítulo de Livro	História	UFS	2012
Um pé calçado, outro no chão: liberdade e escravidão em Sergipe (Co- tinguba, 1860- 1900)	Sharyse Piroupo do Amaral	Livro	História	UFBA	2012
Xangô Rezado Baixo	Ulisses Neves Rafael	Livro	Política Religião	UFPE	2013
Mensageiros do Lúdico: Mestres de Brincadeiras em Laranjeiras.	Beatriz Góis Dantas	Livro	Culturas Po- pulares/His- tória	UFS	2013

A educação patrimonial nos cursos jurídicos e a sua relação com a proteção às manifestações religiosas de matriz africana no Brasil	Ilzver de Matos Oliveira; Manuella Maria Vergne Cardoso	Artigo	Direito	UNIT	2014
Memória de um lugar: danças e festejos na produção do patrimônio em Mussuca e Laranjeiras/Se	Rosane de Assis Barbosa	Tese	Sociologia	UFRRJ	2014
Negros (as) da Guiné e de Angola: nações africanas em Sergipe (1720-1835)	Joceneide Cunha dos Santos	Tese	História	UFBA	2014
Turismo étnico e cultural: a coroação da rainha das taieiras como atrativo turístico potencial em Laranjeiras (SE)	Ivan Rêgo Aragão	Artigo	Turismo	IFS	2015
Casa do folclore Zé Candunga, a conservação de uma memória.	Gabrielle do Nascimento Matos e Déboralys Ferreira da Silva	Artigo	Arquitetura e Urbanismo; Museologia	UFS	2016
20ª edição da Revista Cum-buca	Edise (Editora Diário Oficial de Sergipe)	Revista	Ciências Humanas	Governo do Estado de Sergipe	2018

Os Sentidos da Liberdade: Trajetórias, Abolicionismo e Relações de Trabalho no Vale do Cottinguba no Pós-Abolição, (Sergipe, 1880 - 1930).	Camilla Avelino	Tese	História	UFF	2018
Guerra de Xangô: ritual, perseguição e conflito na formação do campo religioso afro-sergipano	Petrônio Domingues	Artigo	História	UFS	2019
Narrativas sobre dinâmicas sexuais de Exu no território sagrado dos terreiros de umbanda em Viçosa - Alagoas: uma análise etnográfica.	Adriano Oliveira Trajano Gomes	Tese	Ciências da Religião	UFPB	2019
Registro da memória e construção da identidade histórica dos Terreiros Filhos de Obá	Joseane Lima dos Santos	Dissertação	Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais	UnB	2020
Uma lufada de ar fresco. A antropologia de Beatriz Góis Dantas	Maria Laura Cavalcanti	Documentário	Antropologia	UFRJ	2021
Uma história da África “Nagô” em Sergipe.	Janaina Cardoso Melo	Artigo	História	UFS	2021

Memórias Negras Não-Petrificadas em Laranjeiras (Sergipe): topografia viva de grupos culturais, de terreiros e da poesia de João Sapateiro	Janaina Cardoso de Mello	Artigo	História	UFS	2021
As representações sociais dos africanos na memória de Mãe Bilina de Laranjeiras	Maria da Conceição Bezerra dos Santos Sobrinha	Artigo	História	UFS	2022
Memórias sobre as águas do rio Cotinguiba em Laranjeiras/se: usos, histórias e percepções	Mayra Ferreira Barreto	Artigo	História	UFS	2022
Taieiras: um ritual ressignificado na festa de Nossa Senhora do Rosário, em Monte do Carmo, Tocantins.	Noeli Carvalho Messias	Artigo	Culturas Populares	UFT	2022
A nagô fala de si: notas biográficas acerca de Umbelina de Araújo, em “Vovó Nagô e Papai Branco”.	Maria da Conceição Bezerra dos Santos Sobrinha	Capítulo de Livro	História	UFS	2023

Na elaboração destas tabelas utilizei para as pesquisas os seguintes termos “Umbelina Araujo”, “Mãe Bilina”, “nagôs em Laranjeiras”, “taieiras”, “Irmandade de Santa Bárbara Virgem”, por meio dos quais, angariei os seguintes resultados (presentes nas tabelas 1 e 2): cerca de 49 produções intelectuais, 14 dentro do repositório da UFS e outras 35 fora deste, entre os quais se destacam produções dentro do campo da História, da Antropologia e nos últimos anos das Culturas Populares. A intelectualidade de Umbelina Araujo se faz presente em todas as regiões do Brasil, sendo registrada ao menos uma produção em cada uma delas.

Até a segunda década do século XXI, se destacam pesquisas realizadas, quase que exclusivamente, pela Professora Beatriz Góis Dantas, grande propagadora dos saberes e da intelectualidade de Mãe Bilina, tendo um papel importantíssimo, inclusive na internacionalização destes saberes e fazeres, a exemplo do artigo de Max Bondi<sup>20</sup>, associado à UCL. Entretanto, sem Umbelina Araujo o livro “Vovó Nagô e Papai Branco” não existiria. A própria lôxa Bilina propôs à Beatriz Góis Dantas que estudasse o nagô de Santa Bárbara Virgem e, por meio deste estudo, ofertou a ela e a nós conceitos e categorias que ditam discursos e problemas de pesquisa até hoje.

A partir da segunda década do século XXI, as pesquisas influenciadas pela intelectualidade/sabedoria “umbelinianas”, se diversificaram. É possível que a diversificação das pesquisas seja uma consequência das Leis 10.639/03<sup>21</sup> e 11.645/08<sup>22</sup>, acerca do ensino da história e culturas

<sup>20</sup> BONDI, Max. **Things of Africa: Rethinking Candomblé in Brazil**. University College London (UCL), 2009. Manuscrito apresentado ao Departamento de Ciências Sociais e Históricas da UCL. Disponível em: [https://www.ucl.ac.uk/social-historical-sciences/sites/social\\_historical\\_sciences/files/022009.pdf](https://www.ucl.ac.uk/social-historical-sciences/sites/social_historical_sciences/files/022009.pdf). Acesso em: 12 nov. 2025.

<sup>21</sup> BRASIL. *Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências*. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm). Acesso em: 12 nov. 2025.

<sup>22</sup> BRASIL. *Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”*. Diário Oficial da União: seção

africanas, afrobrasileiras e indígenas; e da “Lei de Cotas”<sup>23</sup> implementada no ano de 2012, que vem enriquecendo os debates étnico-raciais dentro das universidades brasileiras.

O pensamento “umbeliniano” se destaca dentro do campo das relações étnico-raciais, especialmente nos estudos sergipanos sobre o pós-abolição; sobre a história dos africanos e seus descendentes; Culturas Populares e Afro-religiosidades, ofertando esclarecimentos e reflexões sobre os seguintes conceitos e categorias: “esquerda/direita”, “nagô”, “toré”, “malê”, “brinquedo” e sobre os “africanos”.

### **3. Alguns ensinamentos “umbelinianos”.**

Ao longo desta seção, me dedicarei a dialogar sobre alguns ensinamentos, os quais considero principais legados para a intelectualidade sergipana, presentes no discurso de Mãe Bilina ao longo das entrevistas que ela concedeu que estão publicadas nos livros “A Taieira (1972) e “Vovó Nagô e Papai Branco” (1988), de autoria de Beatriz Góis Dantas<sup>24</sup>.

Ao utilizar a categoria teórica de “discurso”, suscito as interpretações/considerações elaboradas por Stuart Hall, que, ao se debruçar sobre os estudos de Michel Foucault, versa sobre importância de não buscar a “verdade” nos discursos, mas sim a sua eficácia. Esses discursos seriam “... de onde vem o sentido das coisas”<sup>25</sup> e seriam produtores de formas de conhecimento distintos, que podem representar quebras, rupturas, descontinuidades. Os discursos estão intimamente ligados ao poder,

---

<sup>23</sup> 1, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm). Acesso em: 12 nov. 2025.

<sup>24</sup> BRASIL. *Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências*. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 30 ago. 2012. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm). Acesso em: 12 nov. 2025.

<sup>25</sup> DANTAS, Beatriz Góis, Op. cit; Id., **Vovó Nagô e Papai Branco**: usos e abusos da África no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

<sup>26</sup> HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio Apicuri, 2016, p. 81.

são poder. E os discursos-poder têm a capacidade de produzirem “verdades”, de produzirem conhecimento e de ditarem normas.

Deste modo, para Hall, Foucault historicizou os discursos. Os definiu como produzidos no tempo e no espaço. Ou seja, os discursos são “verdades absolutas” e “naturais”, são construídos por determinadas sociedades em determinado momento. “Essa noção encara o corpo como ‘totalmente impresso pela história e pelo processo de desconstrução da história do [próprio] corpo’”<sup>26</sup>. Para além de sua construção natural e aquém dela, o corpo tem a sua construção discursiva. Portanto, se torna um corpo produzido dentro do discurso.

Isto posto, nos próximos tópicos empreenderei interpretações do que considero os principais elementos presentes no discurso de Umbelina Araujo, que, por meio da oralidade e da gestualidade transmitiu saberes-discurso que influenciam a academia e a sua comunidade, a Irmandade de Santa Bárbara Virgem.

### 3.1 A importância da família e da comunidade.

Meus quatro avós vieram da África. Mas a minha mãe já era crioula nascida no Brasil. Agora, eu fui criada com a minha avó por parte de mamãe. Se chamava Isméra, nome que recebeu no Brasil. Pela África seu nome era Birunqué. Era nagô mesmo<sup>27</sup>.

É latente no discurso de Mãe Bilina a importância da sua família e da comunidade nagô em sua trajetória. A história da família de Umbelina Araujo, ou seja, a sua própria história, se mistura com a história da sua comunidade. São os africanos e a comunidade nagô de Laranjeiras que a formaram enquanto pessoa, imprimindo nela a sua identidade enquanto uma “crioula legítima” neta de “quatro avós africanos”<sup>28</sup>.

<sup>26</sup> Ibid., p. 92.

<sup>27</sup> Umbelina Araujo em entrevista para Beatriz Góis Dantas na década de 1970. DANTAS, Beatriz Góis. **Vovó Nagô e Papai Branco:** usos e abusos da África no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1988. p. 48.

<sup>28</sup> DANTAS, Beatriz Góis, Op. cit. p. 43.

Já nasci pra ser a dona das colônias de Santa Bárbara pela África. Quando se acabasse os africanos eu era a dona. Quando eu era pequena eles botava eu na cabeça dentro de um cesto e saia dançando na roda. Isto era lá na casa de Ti Herculano, que o terreiro era lá. Eu não me lembro disto. Eu era pequena. Vovó quem contava<sup>29</sup>.

Segundo Alberto da Costa e Silva, “nagô” era a forma com a qual os portugueses denominavam os iorubá no Brasil, fruto de uma apropriação do termo “anagô” – forma com a qual as pessoas de Daomé chamavam os sujeitos de Queto e de outros territórios iorubanos<sup>30</sup>. “Nagô” em Sergipe se refere a cultos afrobrasileiros de base familiar. Se destacam as seguintes comunidades: a Irmandade de Santa Bárbara Virgem, o terreiro São José, o terreiro Filhos de Obá – em Laranjeiras; a comunidade Santo Antônio Ogum raio do sol, em Nossa Senhora do Socorro; a Família Mota-Assis, que não constitui um terreiro de culto afrobrasileiro, mas possui uma tradição familiar de culto à Iansã-Santa Bárbara, no povoado de Aguada em Carmópolis; e o terreiro Ilê Axé Odé Bamirê Obá Fanidê, localizado no município de São Cristóvão.

Os nagô possuem como característica em comum, o fato de herdarem “santos” de antepassados consanguíneos e de se distanciarem de práticas comuns ao candomblé, como a raspagem dos iniciados e o culto a Exu. Uma das reverberações mais potentes produzidas pelo discurso de Mãe Bilina concerne no afastamento total de práticas ligadas ao candomblé, que chega a Sergipe vindo da Bahia. A historiografia sergipana entende que o nagô, junto com o toré, são práticas religiosas originárias do território sergipano<sup>31</sup>. Assim sendo, o nagô não se configura como candomblé e não pode ser confundido com este. Pois, por mais que

<sup>29</sup> Umbelina Araujo em entrevista para Beatriz Góis Dantas na década de 1970. DANTAS, Beatriz Góis, Op. cit. p. 43.

<sup>30</sup> COSTA E SILVA, Alberto da. *A manilha e o libambo: a África e a escravidão, de 1500 a 1700*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 694.

<sup>31</sup> Pesquisadores como Beatriz Góis Dantas, Sharyse Piroupo do Amaral, Fernando Aguiar e Camila Dorneles Avelino escreveram em suas pesquisas sobre a primazia do culto nagô em Sergipe, junto com o toré, culto de origem indígena.

tenha similaridades com as práticas candomblecistas, possui organização, rituais, modos de cantar e dançar distintos. Além disto, as comunidades nagô sergipanas possuem uma diversidade organizacional distinta entre si, possuindo, cada uma, as suas especificidades.

É comum compreendermos o termo “nagô” enquanto etnia, como a forma com a qual os colonizadores chamavam os “iorubás” no Brasil. No entanto, o termo “nagô” é mais antigo que a categoria “iorubá”. Segundo Matory, a ideia de uma cultura “iorubá” nasce dentro do contexto da diáspora atlântica, sendo fruto de diversas trocas ocorridas ao longo do século XIX, especialmente sob a influência de africanos retornados e dos africanos “devolvidos” aos territórios africanos pelo Império Britânico<sup>32</sup>. Na mesma direção, Santos explica que:

[...] Todos esses diversos grupos provenientes do Sul e do Centro de Daomé e do Sudeste da Nigéria, de uma vasta região se convenciona chamar de *Yorù baland*, são conhecidos no Brasil sob o nome genérico de Nagô, portadores de uma tradição cuja riqueza deriva das culturas individuais dos diferentes reinos de onde eles se originaram. Os Ketu, Sabe, Óyó, Egbá, Égbado, importaram para o Brasil seus costumes, suas estruturas hierárquicas, seus conceitos filosóficos e estéticos, sua língua, sua música, sua literatura oral e mitológica. E, sobretudo, trouxeram para o Brasil a sua religião.<sup>33</sup>

Deste modo a categoria “iorubá”, antes denominada “nagô”, ou da “costa” pelos próprios africanos no período escravista, tem em si a característica da transnacionalidade. Porque reunia sujeitos e sujeitas de diversos territórios hoje compreendidos como iorubás. Como dito anteriormente, atualmente em Sergipe o termo nagô é entendido como prática étnico-religiosa. “Nagô” se torna categoria de culto mais ou menos

<sup>32</sup> MATORY, J. Lorand. Yorubá: as rotas e as raízes da nação transatlântica, 1830-1950. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 263-292, out. 1998.

<sup>33</sup> SANTOS, Juana Elbein dos. **Os Nágô e a Morte**. Petrópolis: Editora Vozes, 1976. p. 29.

na metade do século XIX, sendo denominado por pesquisadores como “brincadeiras de obá”.

No entanto, a partir do século XX, quando sujeitos nagô passaram a ser entrevistados por pesquisadores universitários e por veículos de imprensa, eles se autodeclararam nagô. Foram os próprios sujeitos e sujeitas nagô que trouxeram à tona esta categoria. Mais importante do que realizar uma revisão bibliográfica sobre diversos pensadores que refletem e se debruçam sobre o pensamento, a história e as cosmopercepções nagô, é ouvir o que os próprios sujeitos dizem sobre ser nagô. Esta identidade em Sergipe é diferente. Submeter a sua análise a pensamentos que se baseiam em percepções acerca desta identidade no Rio de Janeiro e na Bahia é perigoso e pode submeter essas comunidades sergipanas a um processo de colonização, como por exemplo enquadrar essas comunidades como se fossem candomblé. Elas não o são e já explicitaram isso diversas vezes.

A organização do nagô em Laranjeiras concerne em famílias que se unem e dão continuidade aos legados dos seus ancestrais. Essas famílias têm relacionamentos particulares com as suas divindades/santos da costa e com seus ancestrais (Tí Henrique, Birunqué, Tí Herculano, Tí Oxó e outros que não conhecemos os nomes). Mas todas estão subordinadas ao orixá maior do nagô, o Pai da Costa.

Oyérónké Oyéwùmí nos ensina que a estrutura social africana é marcada profundamente por uma organização coletiva. Os iorubá, antes da interferência colonial, possuíam uma organização baseada no contato com a família extensa, formada por parentes mais distantes que o pai, a mãe e os irmãos. Esta autora dá ênfase ao papel dos parentes mais velhos, destacando o papel de primazia que estes possuíam nas famílias, visto que as sociedades iorubá se organizavam com base na senioridade. Cabia, portanto, aos anciãos a função de liderar e os maiores níveis de respeito.<sup>34</sup>

Deste modo, percebemos na narrativa umbeliniana o respeito dado aos mais velhos. Prática que é nagô e se manifesta, sobretudo, na reverência aos mais velhos da família; no cuidado e no amor com os pais e

---

<sup>34</sup> OYÉWÙMÍ, Oyérónké, Op. cit.

os avós e na primazia do zelo com os santos da comunidade. No discurso de Mãe Bilina, percebemos cuidado e reverência para com Tí Henrique, Tí Herculano, e sua avó Birunqué, a sua transmissora dos costumes da cultura nagô. E outros africanos, como Tí Oxó, Tá Lucrécia e Ta Luzia, com os quais Mãe Bilina conviveu e aprendeu a ser nagô e a valorizar esta herança cultural que é, sobretudo, uma herança familiar baseada nos cultos aos orixás e aos ancestrais. Os legados nagô foram ensinados à Umbelina Araujo desde a infância, quando era colocada em cestos pelos africanos e dançava nas rodas com eles e em momentos privados com Tí Herculano, onde começou a ser inserida, gradativamente, nas funções de *obeg*, ou seja, nas funções de líder do nagô<sup>35</sup>.

Muniz Sodré diria que Mãe Bilina seria uma espécie de intelectual orgânica afrodiáspórica, defendendo a importância do pensamento, das “cosmogonias”, do arcabouço representativo dos nagô na diáspora.<sup>36</sup> Nomear o arcabouço cultural nagô como ciência, epistemologia e intelectualidade é importantíssimo, pois dirime e combate as injustiças cometidas pelo racismo epistemológico. No entanto, eu a denomino como uma intelectual nagô, numa postura contracolonial que visa afastar esta sujeita e sua comunidade de conceitos que os aprisione. Do mesmo modo, rejeito a terminologia “escravizados” e “ex-escravizados” utilizada por Sodré, pois a categoria acionada por Umbelina Araujo em seu discurso é a de “africanos”. Isso é uma sutileza do pensamento umbeliniano, que poderia passar desapercebida, mas ressalta para nós que existiu – e existe –, para os africanos e africanas que passaram pelo trauma da escravidão, uma história antes e depois dela. Ademais, a análise de Sodré reduz a experiência

---

<sup>35</sup> DANTAS, Beatriz Góis, Op. cit.

<sup>36</sup> “Quem são esses? São ex-escravos e seus descendentes. É lugar-comum historiográfico o fato de que os escravos negros, trazidos pelos colonizadores portugueses para o Brasil ao longo de três séculos, pertenciam a distintos grupos étnicos da África Ocidental, Oriental e Equatorial, mas os grupos denominados alternativamente como “nagôs” ou “iorubás” foram os últimos a chegar, entre os fins do século XVIII e início do século XIX. Do grupo originário do reino iorubano de Ketu procede a maioria das instituições litúrgicas assentadas na Bahia (...).” SODRÉ, Muniz. Pensar Nagô. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 31.

religiosa nagô ao candomblé o que não cabe à realidade dessas comunidades em Sergipe.

Assim sendo, interpreto a intelectualidade de Mãe Bilina como sendo fruto da sua comunidade que é baseada em legados familiares, sendo, portanto, fundamentais para o seu campo representativo e consequentemente na produção dos discursos umbelinianos. A intelectualidade “umbeliniana” é permeada de representações incutidas pelos africanos com os quais conviveu desde a sua infância e ao produzir conhecimento e transmiti-lo, o faz a partir e por meio da sua comunidade.

### **3.2 O cuidado coletivo com as crianças**

O nagô de Laranjeiras, também conhecido como Irmandade de Santa Barbara Virgem, dá às crianças e adolescentes (virgens) uma grande importância. Ainda está por se fazer um estudo que analise a origem, os motivos da importância da virgindade feminina para esta comunidade. Entretanto, não nos cabe simplificar o fenômeno somente nos reportando ao mesmo como uma influência do catolicismo na comunidade, proveniente de um possível “sincretismo”. As relações do nagô com a Igreja Católica concernem em confluências, seguindo as contribuições de Leda Maria Martins<sup>37</sup>. Interpretando de forma alternativa e um tanto mais complexa as relações entre o nagô em Laranjeiras e a o arcabouço religioso católico.

Dentro da Irmandade de Santa Bárbara Virgem, existe a tradição, desde o começo do século XX, de que mulheres virgens assumam o cargo máximo dentro da comunidade, de lôxa<sup>38</sup>. O assunto da premência da virgindade na comunidade é complexo e espinhoso e não existem vestígios históricos que comprovem que ele provém das confluências entre o nagô e a Igreja Católica. O nosso desconhecimento com relação aos povos e

<sup>37</sup> MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória:** o reinado do Rosário do Jatobá. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições; São Paulo: Editora Perspectiva, 2021.

<sup>38</sup> TORRES, Dijna Andrade. **Mulher Nagô:** liderança feminina e as relações de gênero e parentesco no terreiro de Santa Bárbara Vigem, em Laranjeiras. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2012.

culturas africanas dificulta a construção de uma narrativa histórica que possa ser contundente sobre este assunto. É possível que tenha uma forte influência africana nessa prerrogativa. Ou não. O fato é que a virgindade e a “generificação” da comunidade, se não nasceu, ganhou destaque a partir da liderança de Mãe Bilina no nagô. Mas por quê?

Porque muitos conceitos acerca do gênero dentro do nagô surgiram a partir do momento em que uma mulher assumiu a liderança da irmandade como um todo pela primeira vez. O nagô é uma comunidade de culto afro-brasileiro alicerçado nas famílias que descendem de africanos que fundaram essa comunidade após a segunda metade do século XIX. Cada família, chamada de “colônias” por Mãe Bilina em suas entrevistas, possui pessoas que são escolhidas pelos santos das famílias para cuidar delas; tais pessoas são chamadas de zeladores.

Muitas dessas pessoas escolhidas pelos santos eram mulheres. Mesmo antes de Mãe Bilina assumir como liderança do nagô. São exemplos a avó de Mãe Bilina e sua mãe, que assumiu o legado de cuidar dos santos da família após a morte de Birunqué. Mas também é o caso de Caetana e Judite<sup>39</sup>, que assumiram os cuidados com os santos do esposo e pai após sua morte; o caso da família de Ti Oxó, que segundo relatos da família, teve o legado assumido por Maria Deolinda de Jesus e da família de Ti Herculano, que no período tinha netas como zeladoras de seus santos.<sup>40</sup>

O processo de “generificação” no nagô – aqui me refiro à intensificação da divisão e designação de funções de acordo com o gênero, dentro da Irmandade de Santa Bárbara Virgem – deu-se com Mãe Bilina, a partir do momento em que ela foi escolhida para assumir a liderança do nagô. Desde então, as mulheres assumiram, de modo mais substancial, os legados africanos na comunidade nagô de Santa Bárbara Virgem, transmitindo-os aos seus filhos e integrando-os à comunidade desde a infância<sup>41</sup>.

---

<sup>39</sup> Esposa e filha de Ti Henrique.

<sup>40</sup> Década de 1970, quando Umbelina Araujo concedeu as entrevistas.

<sup>41</sup> TORRES, Díjna Andrade, Op. cit.

Entretanto, a função de transmitir os conhecimentos, a cultura nagô, para as crianças, não é somente das mães/pais. E sim de toda a comunidade, que de modo gradual e compassado, no dia a dia, ensinam aos seus mais novos o que é nagô. É comum que vejamos crianças que aos 5 ou 6 anos, já integram a roda das crianças e cultuam os orixás com as suas danças. Em todos os festejos as crianças são as primeiras a dançarem, lideradas pela omadê (líder das funções das crianças e uma das principais auxiliares da lôxa). A presença de crianças dentro da Irmandade de Santa Bárbara Virgem é fundamental para a manutenção e transmissão do seu arcabouço cultural. A própria Mãe Bilina foi introduzida aos conhecimentos de sua etnia ainda na infância, e o mesmo aconteceu com as duas últimas lôxas, Lourdes e Bárbara dos Santos, que desde a infância foram introduzidas nas práticas ensinadas pelos africanos e reinventadas pelos seus descendentes. É desde a infância que os nagô de Santa Bárbara Virgem aprendem a performar o discurso nagô, que se inicia pelo corpo, corpo de criança que rememora a diáspora, corpo de criança que dança primeiro e que deste modo, produz futuros ancestrais nagô.

### 3.3 A diversidade africana.

Vovó me falava muito da terra. Contava as histórias de lá. A África é grande. Tem muito lugar e muitos povos diferentes: nagô, malê, jeje, jexá, congo. Era tudo da África. Agora quer dizer que é de várias classes. Aqui não tem Aracaju, Laranjeiras, Riachuelo? Pois lá também é assim. Tem muito lugar. A África é grande e rica. Buzo, inhame e essas coisas tudo do Brasil, era de lá. E os africanos sabia onde tinha pérola, ouro. E quem sabia e descobria essas coisas era na África. Por que é que não tem mais ouro como tinha? Porque quem descobria tudo era os africanos... Pérola, ouro, diamante, tudo eles sabia. Era povo que tinha muito ouro. Esses buzos da Costa lá é dinheiro<sup>42</sup>.

<sup>42</sup> Umbelina Araujo em entrevista concedida a Beatriz Góis Dantas entre os anos de 1970 e 1972. DANTAS, Beatriz Góis, Op. cit., p. 50-52.

Com esta frase Mãe Bilina nos ensina sobre a grandeza e a diversidade do continente africano, que nos é reportado por meio do discurso de Mãe Bilina, por meio de conhecimentos transmitidos por sua avó. É importante ressaltar que Mãe Bilina não teve acesso à educação formal. Isto nos abre a possibilidade de falarmos sobre um elemento tradicional e importantíssimo para os povos africanos, a oralidade. É por meio dela que Mãe Bilina nos transmite os conhecimentos que recebeu dos povos africanos.

Devemos aprender e ensinar que as culturas orais são dotadas de conhecimentos, possuindo formas distintas de transmitir saberes. Mãe Bilina nos legou seus conhecimentos principalmente pela oralidade. Entretanto, não é apenas por meio da oralidade que culturas não ocidentais compartilham saberes. Em *A Invenção das Mulheres*, Oyérónké Oyéwùmí nos apresenta a distinção entre dois conceitos: cosmovisão e cosmopercepção. A autora considera o termo “cosmovisão” eurocêntrico, pois privilegia apenas um dos cinco sentidos humanos, a visão.<sup>43</sup>

Em contrapartida, a noção de cosmopercepção abre espaço para o reconhecimento dos outros sentidos na construção, aprendizado e transmissão culturais. Deste modo, precisamos aprender e ensinar sobre a importância da oralidade, mas também da gestualidade para as sociedades não-ocidentais. E ensinar em espaços de educação formal este legado africano, que se tornou afrodiáspórico, apontando como a oralidade é importante, mas também a dança, o movimento. O que nos remete às contribuições de duas intelectuais afro-brasileiras, Beatriz Nascimento e Marlene Cunha.

Beatriz Nascimento defende que os historiadores e outros pesquisadores que se dedicam à produção de conhecimento sobre a experiência afrodiáspórica ao longo da história, de modo especial ao longo da história do Brasil, levem em consideração não somente os documentos físicos, mas o próprio corpo que guarda a história dos negros e de seus antepassados. É a teoria denominada corpo-documento, que possibilita que as cos-

---

<sup>43</sup> OYÉWÙMÍ, Oyérónké, Op. cit.

mopercepções sejam abarcadas como fontes históricas dentro do campo da história e das ciências humanas.

[Para Beatriz Nascimento,] O corpo é igualmente memória. Da dor – que as imagens da escravidão não nos deixam esquecer, mas também dos fragmentos de alegria – do olhar cuidadoso para a pele escura, no toque suave no cabelo enrolado ou crespo, no movimento corporal que muitos antepassados fizeram no trabalho, na arte, na vida. Um golpe de cabeça, um jeito de corpo para escapar dos estereótipos, dos preconceitos do racismo explícito<sup>44</sup>.

Por sua vez, a antropóloga Marlene Cunha estudou a gestualidade nos candomblés de nação Angola em Niterói, no Rio de Janeiro. Desnudando, por meio de estudos etnográficos o significado dos principais movimentos, gestos, danças dentro desses terreiros. É a cosmopercepção em ação, agindo na prática. Muitas sociedades africanas nos ensinam múltiplas formas de aprendizado e transmissão de conhecimento, que garantem a manutenção, renovação e continuidades dessas culturas.<sup>45</sup>

Então, quando Mãe Bilina se refere a uma dança realizada dentro da Festa do Corte do Inhame em Laranjeiras como sendo “para ensinar desde pequeno a trabalhar”<sup>46</sup>, ela nos ensina sobre como não só a palavra – e nesse contexto muito menos a escrita – ensina a ser nagô. Mas também o dançar, o gesto, o comportamento, que gradualmente, é transmitido a cada integrante da comunidade nagô. Em outras palavras, a gestualidade produz conhecimento, epistemologia. Nesse caso, dentro da comunidade de Santa Bárbara Virgem, a gestualidade faz memória da experiência da escravidão, mas também das atividades de trabalho na lavoura realizadas por muitos africanos antes do cativeiro.

<sup>44</sup> RATTI, Alex. **Eu sou Atlântica:** sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Instituto Kuanza, 2006, p. 68.

<sup>45</sup> CUNHA, Marlene. **Em busca de um espaço:** A linguagem gestual no Candomblé de Angola. São Paulo: Hucitec, 2022.

<sup>46</sup> DANTAS, Beatriz Góis, Op. cit., p. 52.

### 3.4 A diversidade afrodiáspórica.

Nos tempos pra trás só tinha aqui em Laranjeiras nagô e malê. Era tudo da África. Agora quer dizer que a classe deles era outra. Eles não festejavam santo. Era mais assim como negócio de crente. Não tinha muita fé em santo não. Obrigação deles era com o rosário e uma varinha que batia na mesa. Eu tinha uma devoção no mês de agosto. Nós fazemos obrigação e a obrigação deles era na porta da rua. Dava milho por aquelas estradas todas. Milho e arroz.<sup>47</sup>

Em seu discurso sobre os africanos, Mãe Bilina se refere a tipos diferentes de africanos em Laranjeiras, apresentando uma memória bem-organizada, que nos oferta “categorias” que podem ser exploradas no ensino de História. Isso nos possibilita ensinar aos alunos, com simplicidade, como se dava o dia a dia dos sujeitos históricos e como aos poucos as pessoas se transformam de acordo com o surgimento de elementos em suas trajetórias.

Em um primeiro momento, para Mãe Bilina, existem dois tipos de africanos em Laranjeiras. Os nagôs e os malês. Em sua narrativa, Mãe Bilina coloca os malês como pessoas ruins, “que se acabaram de fazer o mal”<sup>48</sup>. Aqui eu não gostaria de tecer comentários acerca da validade ou não desses comentários. Mas utilizá-los somente como demonstrativo da diversidade de experiências africanas em Laranjeiras, para além das suas rivalidades. A Revolta dos Malês é um episódio importante na História do Brasil e a experiência destes em Laranjeiras é um ótimo exemplo sobre como os africanos possuíam mobilidade e sobre como eram diversos, também no sentido religioso. Não falar/não saber sobre a presença malê em Sergipe, concerne em um apagamento histórico, logo epistemológico, destes sujeitos, constituindo um tipo de morte africana e afrodiáspórica, dentro da narrativa histórica.

<sup>47</sup> Umbelina Araujo em entrevista concedida a Beatriz Góis Dantas entre os anos de 1970 e 1972. DANTAS, Beatriz Góis, Op. cit., p. 117.

<sup>48</sup> DANTAS, Beatriz Góis, Op. cit., p. 118.

Estes malês que viveram na cidade de Laranjeiras tinham por liderança um sujeito chamado José Carlos da Costa, mais conhecido como Zé Sapucary. O mesmo era uma liderança malê e entre os saveiristas, pois possuía vários barcos, com os quais reuniu um patrimônio considerável que possibilitou que ele tivesse condições de emprestar dinheiro para outros africanos<sup>49</sup>. Mas para além dos malês, africanos islâmicos, também surgiram os negros praticantes do candomblé e os negros protestantes. Todos presentes no discurso de Mãe Bilina.

Isto nos possibilita historicizar a vivência dos descendentes dos africanos em Sergipe, esclarecendo os alunos sobre o fato de que nem sempre as pessoas foram o que são. Além de nos dar a oportunidade de esclarecer que nem todo culto de matriz africana é candomblé. E que esta experiência de candomblé, narrado por Mãe Bilina, advém da Bahia, chegando em Sergipe por volta da década de 1920 e se popularizando na década de 1930.

Havia também o toré, que é um culto de origem indígena. Segundo a oralidade de Umbelina Araujo e as pesquisas de Beatriz Góis Dantas, o toré seria um dos cultos nascidos em Sergipe, se somando ao nagô. No caso da cidade de Laranjeiras, ele seria fruto dos conhecimentos de um indígena Manué de Zuína e Zé Candunga<sup>50</sup>, com este último sendo o que hoje nós denominamos de agitador cultural. Eles teriam aprendido os rituais indígenas em aldeias e os levado para a cidade de Laranjeiras.

O nagô já existia de velho (de muito tempo) quando se formou os caboclos. Os caboclos quem formou foi Manué de Zuína. Ele aprendeu lá na aldeia. Ele se criou lá e veio de lá fugido. Aqui em Laranjeiras tinha dois que entendia esse negócio de

<sup>49</sup> AMARAL, Sharyse Piroupo do. Lideranças “nagôs” e “malês” em Laranjeiras: identidades e papéis sociais, 1860-1910. In: IV Semana de Cultura Afro-Brasileira: políticas públicas e ações afirmativas, 2007, São Cristóvão. **Caderno de resumos da IV Semana de Cultura Afro-Brasileira**. São Cristóvão/SE: UFS/NEAB, 2007.

<sup>50</sup> José Borges Lacerda era compadre de Umbelina Araujo, sendo pai de sua afilhada, Maria Aparecida Siqueira.

caboclo. Era Manué de Zuína e Zé Candunga. Esses sabem porque aprenderam mesmo lá na aldeia. Os dois já morreram. Esses de hoje não são como eles não.<sup>51</sup>

### 3.5 A importância das mulheres para a experiência afrodiás-pórica.

A organização dos nagôs é um exemplo da importância das mulheres nas experiências afrodiásicas. Como falei anteriormente, a partir do pós-abolição, as mulheres foram as principais responsáveis pela transmissão e manutenção dos legados nagôs em Laranjeiras.

A partir de Mãe Bilina, talvez por influência dos outros cultos de matriz afro-brasileira que surgiram em Sergipe, passou-se a aceitar pessoas que não eram integrantes das famílias dos nagôs, ou seja, de famílias dos africanos, na Irmandade de Santa Bárbara Virgem. Entretanto, as famílias dos africanos, denominadas de colônias de Santa Bárbara Virgem, continuaram a formar a base da comunidade nagô laranjeirense. Atualmente permanecem quatro famílias descendentes de africanos: a família de Ti Herculano, a família de Ti Oxó, a família de Tercila e Chico Louceiro e a família da lôxa, que têm por ancestrais africanos Birunqué e Ti Henrique.

Em todas essas famílias, surgem o protagonismo de mulheres, com exceção da família de Chico Louceiro e Tarcila, sobre os quais não possuímos muitas informações. Assim, todos os atuais integrantes das colônias de Santa Bárbara Virgem herdaram os seus legados de mulheres nagôs. A família de Ti Herculano, que tem por atual liderança “Dona Ciza”, herdou o legado de sua avó, Dona Maria do Espírito Santo, bisneta de Ti Herculano; a família de Ti Oxó, herdou de sua avó Maria Deolinda de Jesus, que por sua vez herdou de sua mãe, que teria sido escravizada na fazenda Jesus, Maria e José (em Laranjeiras) e a família da lôxa, herdou de Birunqué, africana escravizada que deixou o seu legado para a sua filha Carolina, que por sua vez o transmitiu para Mãe Bilina, que o transmitiu

<sup>51</sup> Umbelina Araujo em entrevista concedida a Beatriz Góis Dantas entre os anos de 1970 e 1972. DANTAS, Beatriz Góis, Op. cit., p. 88.

para Dona Lourdes<sup>52</sup>, que o transmitiu para a atual lôxa, sua filha, Barbara Cristina dos Santos.

Os nagôs da Irmandade de Santa Bárbara Virgem aceitam integrantes que não descendam dessas famílias de africanos, entretanto, apenas os descendentes dessas famílias assumem os principais cargos no terreiro, que são os cargos de patrão, lôxa, iaquequerê e ogã<sup>53</sup>. Prática que mais uma vez nos remete a uma das tradições entre os iorubá apresentadas por Oyérónké Oyéwùmí, o governo legado por família. Costume de organização iorubá, segundo a qual, somente membros de uma determinada família assumiam determinadas funções<sup>54</sup>. Se a lógica nagô, ou seja, o seu imaginário social e as suas representações, seguem a lógica africana iorubá, apresentada para nós por meio da Oyérónké Oyéwùmí<sup>55</sup>, significa que, para os santos da Costa e, sobretudo para o Pai da Costa, o gênero não é algo determinante. Pois não é algo que existe, originalmente, em culturas iorubá. É algo que foi inventado pelos colonizadores. Esta é uma alternativa interpretativa, uma outra possibilidade de construção de narrativa, que até então nunca tinha sido levantada pela historiografia sergipana, mas que posso defender com alguns argumentos/fontes.

Primeiro, a história do nagô nos mostra que as possibilidades de cargos de liderança dentro da comunidade sempre estiveram entre aqueles que descendem de africanos que fundaram a comunidade. Dentre os orixás, o Pai da Costa, até o momento, nunca escolheu alguém de fora deste princípio. Ti Henrique e Herculano eram dois africanos, após eles, Umbe-lina (descendente de Ti Henrique e Birunqué), Alaíde (descendente de Ti Oxó), Lourdes (pertencente a uma família de africanos que não possuímos conhecimento, mas também afilhada de Mãe Bilina, pela qual foi criada) e

<sup>52</sup> Segunda lôxa da Irmandade de Santa Bárbara Virgem e afilhada de Mãe Bilina.

<sup>53</sup> TORRES, Díjna Andrade, Op. cit.

<sup>54</sup> OYÉWÙMÍ, Oyérónké, Op. cit.; Id., **Conceituando o gênero:** os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Tradução para uso didático de CODESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004.

<sup>55</sup> Id., **A invenção das mulheres:** construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Tradução: Wanderson Flor do Nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

Barbara Cristina dos Santos (filha de Dona Lourdes e herdeira do legado de Birunqué e de Tí Henrique).

Podemos, portanto, inferir que as sucessões das lideranças no governo da Irmandade revelam uma alternância entre membros das famílias fundadoras da comunidade nagô. Nos últimos cem anos, os membros mais aptos têm sido mulheres. Mas em primazia não são escolhidas por serem mulheres. São escolhidas porque, primordialmente, são das famílias, da base/alicerce da comunidade. Depois, porque são as mais “preparadas” para assumirem esses lugares de liderança.

Essa decisão de que a mulher deve ser líder da casa, é uma indicação do Pai da Costa, a gente não pode dizer se é bom ou ruim. Ele sabe o que é bom para nós, não somos nós que escolhemos, ele é quem escolhe e se ele quer assim é porque assim é melhor. Além do mais, até hoje elas fazem tudo certo mesmo. Não tem porque questionar, porque até agora nada deu errado, e se não deu é porque ele sabe o que faz<sup>56</sup>.

Portanto, o que o culto de matriz africana mais antigo de Sergipe tem a nos ensinar? Que antes de tudo, as mulheres são pessoas. Dignas de reconhecimento, de lugares de senioridade. É isso que os orixás e ancestrais dos nagôs de Santa Bárbara Virgem têm nos transmitido ao longo da sua história.

#### 4. Conclusão

Ao longo deste artigo, dialogamos sobre a intelectualidade de Umbelina Araújo, empreendendo um estudo que leva em consideração práticas de produção de conhecimento, epistemologia e intelectualidade contracoloniais. As páginas aqui escritas intencionaram reconhecer a importância dos sujeitos e sujeitas negros que integram comunidades tradicionais no Brasil e que são constantemente acessados pelas universidades

<sup>56</sup> Seu José Maria de Jesus, em entrevista para Díjna Torres em 29 de dezembro de 2011. TORRES, Díjna Andrade, Op. cit., p. 49.

como “fontes” ou, pior, como “objetos de pesquisa” – tendo os seus conhecimentos e os de suas comunidades utilizados como base para formar mestres e doutores, para impulsionar intelectualidades hegemónicamente brancas, sem jamais serem reconhecidos como intelectuais, como pessoas que concebem epistemologias.

Por meio da trajetória e da intelectualidade de Umbelina Araujo é possível acessar uma intelectualidade afrodiáspórica, enraizada em uma cultura viva, pulsante, gestada por africanos e atualizada por seus descendentes. Os discursos “umbelinianos” estão localizados na história, não estão fora dela. Deste modo, são construção e podem ser desestruturados. São frutos do tempo, do espaço e da experiência e não devem ser encarados como verdades absolutas ou como parâmetros-cárcere para outras identidades nagô em Sergipe. É importante tomar esse cuidado para que apagamentos e silenciamentos dessas identidades não se perpetuem.

Urge escrever uma “história escrita por mãos negras”. No percurso dessa escrita, é crucial reconhecer a intelectualidade dos mestres e mestras da cultura; reconhecer a ciência gestada por sacerdotisas e sacerdotes de cultos afro-brasileiros – até mesmo, em nosso caso, se eles forem “analfabetos”. Desse modo, busquei dar a minha contribuição para o debate sobre outras formas de conceber, transmitir e conservar o conhecimento, como a oralidade e a gestualidade, demonstrando de que maneira, por meio do seu corpo-documento, Mãe Bilina produziu discursos que permanecem influentes após 50 anos de sua passagem ancestral, sendo para nós uma intelectual afro-nagô-sergipana.

## Referências

### Fontes

BRASIL. *Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências.* Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm). Acesso em: 12 nov. 2025.

\_\_\_\_\_. *Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.* Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm). Acesso em: 12 nov. 2025.

\_\_\_\_\_. *Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências.* Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 30 ago. 2012. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm). Acesso em: 12 nov. 2025.

EU não sou decolonial, eu sou contracolonial - Nêgo Bispo no Instituto Elos. Publicado pelo Canal do Instituto Elos, 24 out. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2pzGaNTT5wU>. Acesso em: 18 nov. 2025.

*Registro de Batismo de Umbelina Araujo.* Brasil, Sergipe, Registros da Igreja Católica, 1785-1994, índice e imagens: FamilySearch. Batistério da Freguesia do Sagrado Coração (1877-1882). Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QS7-899T-VXZX?i=63&w=1> BRASIL. Registro de batismo de Umbelina Araujo. Sergipe: Registros da Igreja Católica, 1785-1994. Batistério da Freguesia do Sagrado Coração (1877-1882). FamilySearch. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QS7-899T-VXZX?i=63&w=M5NJ-T3K%3A371846201%2C371846202%2C371855501&cc=2177298>. Acesso em: 23 ago. 2022.=M5NJ-T3K%3A371846201%2C371846202%2C371855501&cc=2177298. Acessado em: 23.08.2022.

UMA LUFADA de ar fresco: a antropologia de Beatriz Góis Dantas. Direção: Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti. Rio de Janeiro: UFRJ, 2021. Documentário (27 min). Disponível em: [https://www.encontro2022.anpocs.org.br/trabalho/view?ID\\_TRABALHO=5867](https://www.encontro2022.anpocs.org.br/trabalho/view?ID_TRABALHO=5867). Acesso em: 11 nov. 2025.

## Bibliografia

AGUIAR, José Fernando Ferreira. “*Em tempo de Solidão Forçada*”: epidemia de Varíola, Revolta Popular e Fé em Sergipe Novecentista. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

AMARAL, Sharyse Piroupo do. Lideranças “nagôs” e “malês” em Laranjeiras: identidades e papéis sociais, 1860-1910. In: IV Semana de Cultura Afro-Brasileira: políticas públicas e ações afirmativas, 2007, São Cristóvão. *Caderno de resumos da IV Semana de Cultura Afro-Brasileira*. São Cristóvão/SE: UFS/NEAB, 2007.

BONDI, Max. *Things of Africa*: Rethinking Candomblé in Brazil. University College London (UCL), 2009. Manuscrito apresentado ao Departamento de Ciências Sociais e Históricas da UCL. Disponível em: [https://www.ucl.ac.uk/social-historical-sciences/sites/social\\_historical\\_sciences/files/022009.pdf](https://www.ucl.ac.uk/social-historical-sciences/sites/social_historical_sciences/files/022009.pdf). Acesso em: 12 nov. 2025.

COSTA E SILVA, Alberto da. *A manilha e o libambo*: a África e a escravidão, de 1500 a 1700. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CUNHA, Marlene. *Em busca de um espaço*: A linguagem gestual no Candomblé de Angola. São Paulo: Hucitec, 2022.

DANTAS, Beatriz Góis. *A Taieira de Sergipe*: uma dança folclórica. Petrópolis: Editora Vozes, 1972. 153 p. (Coleção Vozes do Mundo Moderno).

\_\_\_\_\_. *Voró Nagô e Papai Branco*: usos e abusos da África no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio Apicuri, 2016.

Hooks, bell. *Irmãs do inhame*: mulheres negras e autorrecuperação. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2023.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória*: o reinado do Rosário do Jatobá. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições; São Paulo: Editora Perspectiva, 2021.

MATORY, J. Lorand. Yorubá: as rotas e as raízes da nação transatlântica, 1830-1950. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 263-292, out. 1998.

OYÉWÙMÍ, Oyérónké. *A invenção das mulheres*: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Tradução: Wanderson Flor do Nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

\_\_\_\_\_. *Conceituando o gênero*: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Tradução para uso didático de CODESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004.

RATTS, Alex. *Eu sou Atlântica*: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Instituto Kuanza, 2006.

SANTOS, Juana Elbein dos. *Os Nagô e a Morte*. Petrópolis: Editora Vozes, 1976

SODRÉ, Muniz. *Pensar Nagô*. Petrópolis: Vozes, 2017.

TORRES, Díjna Andrade. *Mulher Nagô*: liderança feminina e as relações de gênero e parentesco no terreiro de Santa Bárbara Vigem, em Laranjeiras. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2012, 98 p.

Recebido em: 12/08/2025

Aceito em: 28/11/2025